Letras

Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria

n. 74

Letras, v. 35, n. 74, e95684, 2026 - DOI:10.5902/2176148595684 - ISSN 2176-1485
Submissão: 11/03/2026 Aprovação: 11/08/2026 Publicação: 04/11/2026

Artigos

Perspectivas críticas para os estudos dos Quadrinhos

Corpo e poder como ponto de partida para a pesquisa em quadrinhos

Between narrative and visuality: body and power as a starting point for research in comics

Marcelle Pacheco Soares[I*]

Resumo: Nas últimas décadas, os quadrinhos vêm se consolidando como um objeto legítimo de investigação acadêmica, especialmente no campo dos estudos da linguagem, da cultura e do gênero. Este artigo propõe uma reflexão introdutória sobre caminhos possíveis para a pesquisa em quadrinhos, tomando como ponto de partida a análise da relação entre forma gráfica, corpo e poder. Partindo da premissa de que os quadrinhos constituem uma linguagem específica, marcada pela articulação entre texto, imagem e organização espacial da página, discute-se a importância de considerar a materialidade visual como dimensão central da análise e, como exemplos de casos, mobiliza-se a primeira edição de *Ms. Marvel*, publicada em 1977. A análise evidencia como diferentes níveis narrativos, articulados por meio da trama e das formas de mostração, produzem regimes de visibilidade que atravessam as representações do feminino. Argumenta-se que a atenção à forma gráfica permite identificar tensões entre discursos narrativos de emancipação e estruturas visuais que reinscrevem hierarquias de gênero. Ao articular estudos de quadrinhos, estudos culturais e estudos de gênero, o artigo busca contribuir para a consolidação dos quadrinhos como campo de investigação e oferecer ferramentas conceituais para pesquisadores interessados em iniciar estudos nessa área.

Palavras-chave: Quadrinhos; Narrativa gráfica; Corpo; Gênero

Abstract: In recent decades, comics have established themselves as a legitimate object of academic investigation, especially within the fields of language, culture, and gender studies. This article offers an introductory reflection on potential paths for research into comics, taking the relationship between graphic form, body, and power as its starting point. Based on the premise that comics constitute a specific language, characterized by the interplay of text, image, and spatial organization of the page, the article discusses the importance of considering visual materiality as a central dimension of analysis and examines the depiction of Ms. Marvel in her debut series as a case study. The analysis reveals how different narrative levels, articulated through plot and modes of presentation, generate regimes of visibility that permeate representations of the feminine. It argues that attending to graphic form makes it possible to identify tensions between narrative discourses of emancipation and visual structures that reinscribe gender hierarchies. By connecting comics studies, cultural studies, and gender studies, this article aims to contribute to the consolidation of comics as a research field and to provide conceptual tools for researchers interested in conducting studies in this area.

Keywords: Comics; Graphic Narrative; Body; Gender

[I] Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
[*] Autor correspondente – marcelle.psoares@gmail.com

Artigo publicado por Letras sob uma licença CC BY-NC 4.0.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo considerados um objeto marginal no interior dos estudos literários e culturais, os quadrinhos vêm progressivamente se consolidando como um campo legítimo de investigação acadêmica. Esse processo de reconhecimento está relacionado tanto à ampliação do *corpus* analisado pelas humanidades quanto ao desenvolvimento de abordagens teóricas capazes de compreender a especificidade da narrativa gráfica. Mais do que um suporte de entretenimento, os quadrinhos constituem uma linguagem própria, baseada na articulação entre texto, imagem e organização espacial da página, cuja análise exige instrumentos capazes de considerar simultaneamente essas diferentes dimensões.

Nesse contexto, pesquisadores interessados em iniciar estudos sobre quadrinhos enfrentam um desafio recorrente: como analisar uma narrativa que se constitui por meio da articulação entre texto, imagem e organização espacial da páginaque organizam o ritmo da leitura e orientam o olhar do leitor. A atenção à forma gráfica torna-se fundamental porque ela participa diretamente da produção narrativa. Elementos como enquadramento, disposição dos quadros, repetição de gestos, construção do corpo das personagens e organização da página participam ativamente da produção de sentido, contribuindo para a circulação de valores culturais e sociais no interior da narrativa.

Partindo dessa perspectiva, este artigo propõe uma reflexão sobre os quadrinhos enquanto sistema narrativo, tomando como eixo de análise a relação entre forma gráfica, corpo e poder. Ao observar como os corpos das personagens são construídos e organizados na página, torna-se possível compreender de que maneira a narrativa gráfica participa da produção de regimes de visibilidade que atravessam representações sociais mais amplas, especialmente no que diz respeito às relações de gênero.

Ao mesmo tempo, o texto busca oferecer um ponto de partida metodológico para pesquisadores interessados em iniciar investigações nesse campo. Para isso, discute-se como determinados elementos da linguagem dos quadrinhos, como enquadramento, pose corporal, gestualidade e organização espacial da página, podem ser mobilizados como ferramentas de análise na investigação de personagens e narrativas gráficas.

Como exemplo de caso, analisa-se elementos da primeira edição de *Ms. Marvel*, publicada em 1977. O objetivo é observar como escolhas formais da narrativa gráfica participam da construção de determinadas representações do corpo feminino. A análise evidencia que, mesmo quando a trama atribui às personagens posições de força e protagonismo, a construção gráfica mobiliza convenções visuais que reinscrevem padrões tradicionais de feminilidade.

QUADRINHOS COMO LINGUAGEM VISUAL

Os quadrinhos podem ser compreendidos como uma linguagem narrativa especifica, cuja produção de sentido decorre da articulação entre elementos verbais e visuais distribuídos no espaço da página. Mais do que uma simples sucessão de imagens acompanhadas por texto, trata-se de um sistema no qual a organização espacial, a relação entre os quadros e a recorrência de determinados elementos gráficos participam da construção da narrativa. A análise dos quadrinhos exige, portanto, instrumentos capazes de considerar simultaneamente suas dimensões materiais, gráficas e narrativas.

Entre as contribuições fundamentais para a compreensão dessa linguagem destaca-se o trabalho de Thierry Groesteen. Em *O sistema de quadrinhos* (2015), o autor propõe compreender os quadrinhos como uma rede de relações na qual o sentido emerge não apenas da sucessão linear das imagens, mas também dos vínculos que se estabelecem entre elas ao longo da página e do conjunto da obra. Nesse contexto, a noção de solidariedade icônica (*solidarité iconique*) ocupa posição central. Segundo Groensteen, imagens separadas por quadros ou páginas permanecem conectadas por relações de repetição, variação, oposição e recorrência, produzindo significados que ultrapassam a simples progressão dos acontecimentos.

Essa perspectiva permite compreender a página não como um suporte neutro, mas como um dispositivo narrativo. A disposição dos quadros, seus formatos, os ritmos visuais produzidos pela distribuição das imagens, as recorrências gestuais das personagens e os enquadramentos adotados constituem elementos que organizam a leitura e orientam a construção do sentido. A narrativa gráfica resulta, assim, da interação entre diferentes níveis de organização, nos quais a dimensão espacial desempenha um papel tão importante quanto a sucessão temporal dos acontecimentos.

Para pesquisadores interessados em iniciar estudos sobre quadrinhos, a atenção a esses aspectos formais constitui um ponto de partida importante. Observar como os quadros são distribuídos, como determinadas imagens retornam ao longo da narrativa e como os corpos das personagens são organizados no espaço da página permite compreender de que maneira os procedimentos gráficos participam da produção do sentido. A análise dos quadrinhos não se restringe, portanto, ao enredo ou ações desempenhadas pelas personagens, mas exige atenção aos mecanismos por meio dos quais a narrativa se constrói visualmente.

A partir dessa perspectiva, torna-se possível compreender a narrativa gráfica como um espaço de produção e circulação de significados culturais. Conforme argumenta Stuart Hall (1994), a representação não deve ser entendida como um simples reflexo da realidade, mas como um processo ativo de construção de sentidos no interior da cultura. Imagens e

discursos participam da produção de imaginários sociais, da constituição de identidades e da circulação de valores e relações de poder. Nos quadrinhos, esses processos se materializam por meio das formas especificas pelas quais os corpos, os espaços e as relações entre personagens são organizados na página.

A compreensão dos quadrinhos como um sistema narrativo permite, assim, articular analise formal e reflexão cultural. Enquadramentos, gestos, recorrências visuais e estruturas de página não constituem elementos externos a narrativa, mas procedimentos por meio dos quais ela se realiza. Nesse sentido, a organização gráfica das histórias em quadrinhos participa da construção de significados sobre identidade, corpo e relações sociais. E a partir dessa perspectiva que este artigo propõe examinar a representação de super-heroínas nos quadrinhos, tomando a relação entre corpo e poder como ponto de partida para a análise.

Ao considerar a narrativa gráfica como um sistema de relações, torna-se possível compreender que aquilo que é mostrado não se encontra separado daquilo que é contado. A disposição dos corpos, os enquadramentos, a repetição de determinadas poses e a organização espacial dos quadros constituem formas de mostração por meio das quais a narrativa se apresenta ao leitor. Mais do que acompanhar o desenvolvimento da trama, esses procedimentos são parte constitutiva da produção de sentido. Assim, a análise dos quadrinhos exige atenção não apenas aos acontecimentos narrados, mas também às formas pelas quais eles são visualmente construídos e organizados no interior da página.

CORPO E VISUALIDADE: COMO ANALISAR PERSONAGENS NOS QUADRINHOS

Entre os diversos elementos que estruturam a linguagem dos quadrinhos, o corpo das personagens ocupa um lugar central na organização da narrativa gráfica. Diferentemente de formas narrativas em que o corpo pode ser apenas descrito ou sugerido, nos quadrinhos ele é continuamente construído por meio do desenho, da pose, do enquadramento e da repetição de gestos ao longo da sequência narrativa. O corpo torna-se, assim, um dos principais vetores de produção de sentido, orientando o olhar do leitor e participando da construção de significados culturais e sociais.

Para pesquisadores interessados em iniciar análises de personagens nos quadrinhos, observar o modo como os corpos são representados constitui um ponto de partida particularmente produtivo. A construção gráfica das personagens envolve um conjunto de escolhas que influenciam diretamente a leitura da narrativa. Aspectos como postura corporal, direção do olhar, proporções anatômicas, enquadramento e relação espacial com outros personagens compõem procedimentos narrativos gráficos que participam da produção de significados na narrativa gráfica.

Nesse sentido, a análise das personagens nos quadrinhos não deve restringir-se às funções que desempenham na trama. Como a narrativa é produzida também pela organização gráfica da página, torna-se necessário observar de que maneira enquadramentos, poses, gestos e recorrências visuais participam da construção das personagens. É igualmente importante observar como essas figuras são visualmente organizadas na página e quais convenções gráficas orientam sua representação. A forma como um corpo é desenhado, enquadrado ou posicionado no interior do quadro pode expressar relações de poder, hierarquias simbólicas ou padrões culturais de representação.

As contribuições de Erving Goffman oferecem um referencial importante para pensar essa dimensão social da visualidade. Em seus estudos sobre publicidade e comunicação visual, o autor identifica o que denomina de ritualização da feminilidade: um conjunto de padrões visuais recorrentes que estruturam a forma como corpos femininos são apresentados em diferentes meios de comunicação. Entre esses padrões encontram-se posturas corporais inclinadas ou instáveis, gestos delicados, exposição seletiva de partes do corpo e enquadramentos que fragmentam ou sexualizam a figura feminina (Goffman, 1977). Ainda que formuladas a partir da análise de imagens publicitárias, essas observações podem ser mobilizadas na análise dos quadrinhos, onde a repetição de determinadas poses e gestos ao longo da narrativa contribui para estabilizar formas específicas de representação do corpo feminino.

Nos quadrinhos de super-heróis, essa dinâmica torna-se particularmente visível. Personagens femininas inseridas nesse universo frequentemente são apresentadas como figuras dotadas de força física extraordinária, autonomia e protagonismo na ação. Contudo, essa potência narrativa convive muitas vezes com convenções visuais que continuam a mobilizar códigos tradicionais de feminilidade. A representação do corpo dessas personagens tende a recorrer a poses sinuosas, enquadramentos que enfatizam determinadas partes da anatomia e gestualidades que sugerem delicadeza ou exposição corporal.

Essa tensão entre agência dramática e convenções de representação produz um efeito paradoxal. Enquanto a trama apresenta personagens capazes de agir, combater e transformar o curso dos acontecimentos, a mostração dos corpos reinscreve essas figuras em regimes de representação que reforçam normas tradicionais de gênero. O corpo da super-heroína torna-se, assim, um espaço de tensão entre agência narrativa e disciplina visual.

Reflexões desenvolvidas no campo dos estudos de cinema ajudam a aprofundar essa discussão. A teórica Laura Mulvey (1975), ao analisar o cinema narrativo clássico, argumenta que muitas imagens narrativas são estruturadas por aquilo que denomina de "olhar masculino" (*male gaze*), no qual o corpo feminino é frequentemente organizado como objeto de contemplação visual. Embora formulada a partir da análise do cinema, essa perspectiva pode ser mobilizada na investigação de outras formas de narrativa visual,

incluindo os quadrinhos, que também recorrem a enquadramentos, construção de cenas e estratégias de organização do olhar do espectador.

Nesse contexto, enquadramentos que fragmentam o corpo, poses que enfatizam simultaneamente busto e quadris ou angulações que destacam determinadas partes da anatomia podem funcionar como dispositivos visuais que direcionam o olhar do leitor. A organização gráfica da página constitui uma dimensão da narrativa responsável pela construção dos regimes de visibilidade dos corpos.

As reflexões de Teresa de Lauretis (2007) também contribuem para ampliar essa perspectiva ao compreender o gênero como uma tecnologia social. Para a autora, o gênero é simultaneamente produto e processo de representação, sendo constantemente produzido e reiterado por diferentes dispositivos culturais. As mídias narrativas, entre elas os quadrinhos, participam desse processo ao produzir e difundir modelos de feminilidade e masculinidade no interior da cultura visual.

A partir dessas contribuições teóricas, torna-se possível compreender o corpo como elemento estruturante da narrativa gráfica. O corpo é sempre um corpo enquadrado, posicionado no interior de um quadro e organizado segundo convenções visuais que orientam o olhar do leitor. A análise dessas convenções permite identificar padrões de representação que atravessam diferentes obras e períodos editoriais.

Para pesquisadores interessados em analisar personagens nos quadrinhos, alguns aspectos podem orientar essa observação: a postura corporal das personagens, a direção do olhar e a expressão gestual, o enquadramento e a posição do corpo no interior do quadro, a ênfase visual em determinadas partes da anatomia, a repetição de poses ou gestos ao longo da narrativa, e a relação espacial entre diferentes personagens na página.

A observação sistemática desses elementos permite compreender como a linguagem dos quadrinhos articula procedimentos narrativos gráficos e discurso cultural. O corpo torna-se, assim, um ponto de convergência entre estética, narrativa e relações de poder, oferecendo um caminho particularmente produtivo para a análise das representações de gênero na narrativa gráfica.

É a partir dessa perspectiva que o presente artigo examina elementos da primeira edição de Ms. Marvel, publicada em 1977, para pensar como a narrativa gráfica pode articular agência dramática e convenções de representação sexualizadas e como elementos visuais regulam a presença do corpo feminino na narrativa.

ESTUDO DE CASO: CORPO E REGIMES DE VISIBILIDADE EM *MS. MARVEL*

As representações de super-heroínas constituem um campo particularmente produtivo para investigar as relações entre narrativa gráfica, corpo e poder. Inseridas em

um gênero marcado pela centralidade da ação e pela valorização da potência física, essas personagens frequentemente ocupam posições de protagonismo e desempenham papéis decisivos no desenvolvimento da trama. Ao mesmo tempo, a construção dos seus corpos é atravessada por convenções gráficas sedimentadas historicamente, que participam da produção de formas específicas de visibilidade para o feminino.

A análise dessas representações torna-se particularmente relevante no contexto das transformações culturais promovidas pela segunda onda do feminismo. Entre as décadas de 1960 e 1980, discussões em torno do trabalho feminino, da autonomia econômica e da presença das mulheres no espaço público passaram a ocupar um lugar importante no debate social estadunidense. Essas transformações também repercutiram nos quadrinhos de super-heróis, que progressivamente passaram a apresentar personagens femininas associadas a ideias de independência e emancipação. Entretanto, como observam diferentes autoras vinculadas aos estudos de gênero, mudanças no plano dos discursos nem sempre são acompanhadas por transformações equivalentes nas formas de representação.

Nos quadrinhos, essa questão assume uma dimensão específica. Como propõe Thierry Groensteen (2015), a produção de sentido resulta das relações estabelecidas entre imagens distribuídas no espaço da página. A narrativa não se limita à sucessão dos acontecimentos, mas envolve igualmente a organização dos quadros, os ritmos visuais, os enquadramentos e as recorrências gráficas que estruturam a leitura. A disposição dos corpos e a repetição de determinadas soluções formais constituem, assim, formas de mostração por meio das quais a narrativa se apresenta ao leitor.

Nessa perspectiva, a análise das super-heroínas permite observar a coexistência de diferentes níveis de significação. Enquanto a trama frequentemente atribui às personagens posições de agência e protagonismo, a mostração dos corpos pode mobilizar convenções visuais associadas a formas tradicionais de feminilidade. A tensão produzida não se estabelece entre narrativa e imagem, mas no interior da própria narrativa gráfica, por meio da articulação entre diferentes procedimentos de construção do sentido.

Introduzida na década de 1970 e criada por Roy Thomas e Gene Colan, Ms. Marvel surge em um contexto marcado pela expansão dos movimentos feministas e por transformações nas representações de gênero na cultura popular. Diferentemente de muitas heroínas anteriores, sua identidade civil é apresentada como a de uma mulher profissionalmente ativa e socialmente independente, o que aproxima a personagem de debates contemporâneos sobre a presença feminina no espaço público.

Narrativamente, a personagem é frequentemente associada a valores de autonomia, competência e independência. Contudo, a observação da forma gráfica revela a persistência de convenções visuais semelhantes às identificadas na representação de outras super-heroínas. A análise das páginas e das narrativas no período mostra

a recorrência de enquadramentos que enfatizam busto e quadris, bem como poses corporais que privilegiam a curvatura da anatomia feminina.

Essa preocupação pode ser observada em diferentes momentos logo na primeira edição de *Ms. Marvel*, de 1977. Em uma sequência ambientada no escritório do Clarim Diário (Figura 1), Carol Danvers é convidada por J. J. Jameson para assumir a editoria de uma nova revista feminina. O diálogo explicita diferentes concepções sobre o papel das mulheres. Enquanto Jameson insiste em associar a publicação a temas como moda, dietas e receitas, Carol reivindica uma revista voltada para questões profissionais e para experiências femininas mais amplas. A própria trama constrói a personagem como sujeito ativo da negociação. É ela quem contesta as expectativas do editor, reivindica reconhecimento profissional e exige uma remuneração compatível com sua experiência.

Figura 1 – Sequência de *Ms. Marvel* #1 (Marvel Comics, 1977). Reprodução para fins de análise crítica



Fonte: acervo pessoal. Thomas e Colan (1977, p. 6)

Entretanto, a organização gráfica da página produz uma dinâmica mais complexa. Embora Carol conduza a discussão, Jameson ocupa frequentemente o primeiro plano e concentra a maior massa visual da composição. Seu rosto exagerado, os gestos expansivos e a fumaça do charuto produzem um volume gráfico que domina diversos quadros. Em contraste, Carol Danvers aparece frequentemente posicionada ao fundo ou parcialmente enquadrada pelos elementos do cenário. A centralidade dramática da personagem não corresponde integralmente à hierarquia visual construída pela página.

Essa diferença torna-se ainda mais evidente quando se observam os ritmos produzidos pela sequência. Jameson é desenhado por meio de expressões exageradas e movimentos expansivos, enquanto Carol mantém uma postura relativamente estável, marcada por gestos contidos e uma aparência cuidadosamente estilizada. Mesmo sendo ela quem conduz a negociação, a mostração dos corpos produz uma distribuição desigual das figuras, atribuindo ao personagem masculino uma presença visual mais intensa.

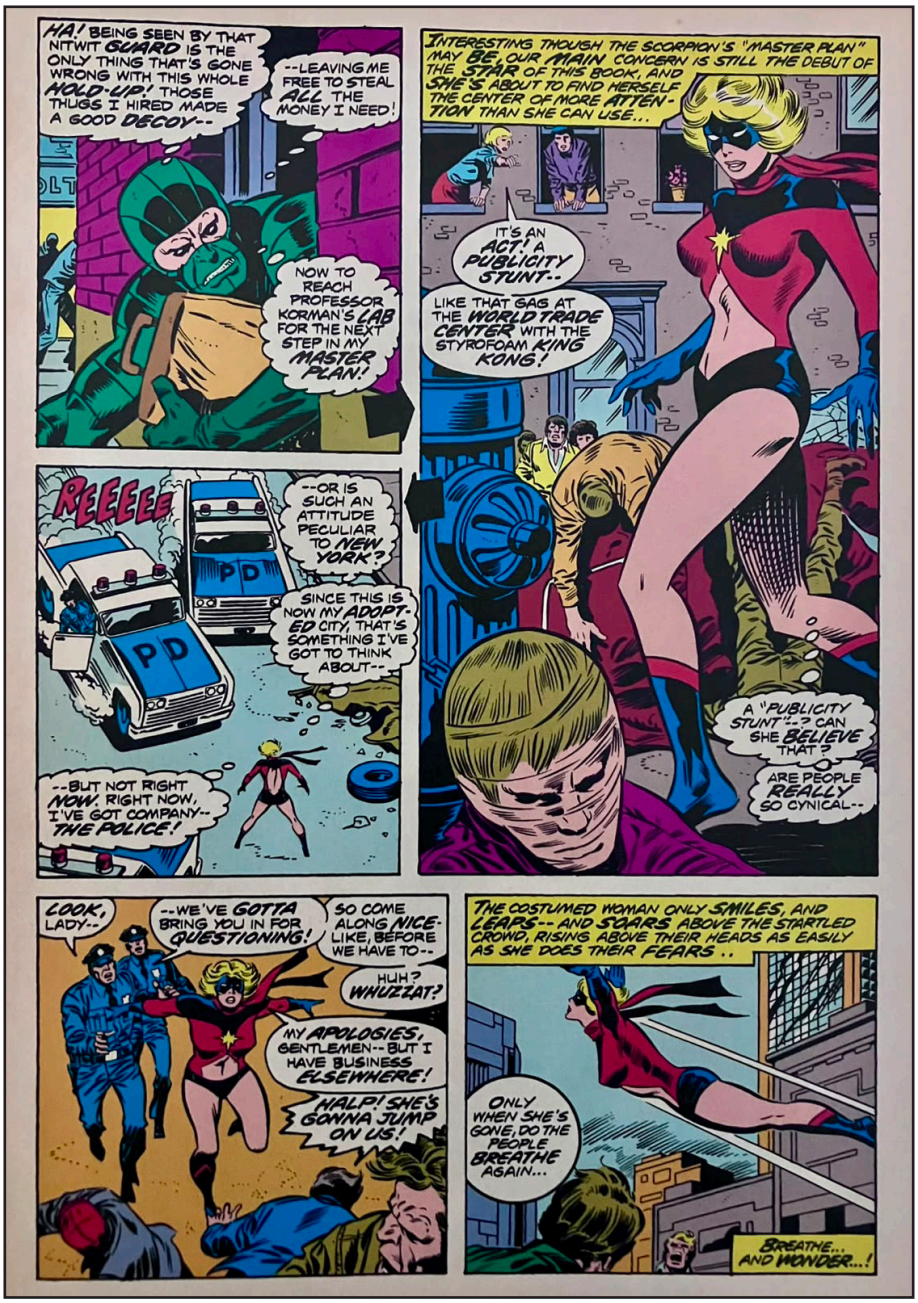
Uma dinâmica semelhante pode ser observada na sequência em que Ms. Marvel atua nas ruas da cidade (Figura 2). A trama a apresenta como protagonista absoluta da ação. A personagem confronta a polícia, domina a situação e eleva-se acima da multidão, assumindo uma posição de superioridade em relação aos demais personagens. O texto reforça continuamente sua capacidade de intervenção e sua autonomia.

Entretanto, a organização da página concentra a atenção do leitor em um grande painel vertical que domina a composição. Nesse quadro, a heroína ocupa praticamente toda a altura da página. Sua postura produz uma torção que permite a exibição simultânea das pernas, dos quadris e do busto. Em torno dela, os demais personagens aparecem comprimidos em posições inferiores, muitos deles ajoelhados ou curvados. A escala das figuras estabelece uma hierarquia visual que reforça a centralidade da heroína, mas essa centralidade é construída por meio da exposição do corpo. Nos quadros seguintes, a repetição dessas soluções gráficas produz relações de continuidade visual. Na perspectiva de Groensteen (2015), essas recorrências constituem formas de solidariedade icônica, uma vez que as imagens se articulam por meio da repetição de soluções formais semelhantes. A narrativa não é produzida apenas pela sucessão dos acontecimentos, mas também pelos vínculos que unem visualmente os diferentes quadros.

As observações de Laura Mulvey (1975) sobre a organização do olhar mostram-se particularmente relevantes nesse contexto. Embora desenvolvidas a partir do cinema, suas reflexões permitem perceber como determinadas formas de enquadramento orientam a atenção do espectador para aspectos específicos do corpo feminino. Nos quadrinhos, essa dinâmica manifesta-se por meio da recorrência de poses, ângulos e relações espaciais que transformam a anatomia feminina em objeto privilegiado da visibilidade.

Mais do que uma oposição entre imagem e narrativa, o que essas sequências revelam é a coexistência de diferentes regimes de significação. Enquanto a trama constrói Carol Danvers como uma mulher independente, capaz de agir e de disputar espaços tradicionalmente masculinos, a mostração dos corpos permanece vinculada a convenções gráficas sedimentadas historicamente. A narrativa gráfica torna-se, assim, um espaço no qual diferentes discursos culturais coexistem, produzindo representações complexas e frequentemente contraditórias do feminino.

Figura 2 – Sequência de *Ms. Marvel* #1 (Marvel Comics, 1977). Reprodução para fins de análise crítica



Fonte: acervo pessoal. Thomas e Colan (1977, p. 4)

A pesquisadora Jennifer K. Stuller (2012) observa que, nas representações tradicionais do gênero de super-heróis, os corpos das mulheres frequentemente recebem mais atenção visual do que o próprio desenvolvimento narrativo das personagens. Segundo a autora, esses corpos são frequentemente apresentados de forma fragmentada ou em posições fisicamente impossíveis, com torções e exageros anatômicos que enfatizam simultaneamente diferentes partes da figura feminina.

No caso de Ms. Marvel, essa dinâmica evidencia novamente uma dissociação entre discurso narrativo e convenções visuais. Embora a personagem seja construída como figura independente e protagonista da ação, sua representação gráfica permanece marcada por padrões consolidados de feminilidade e sexualização. Essa contradição sugere que a linguagem dos quadrinhos não responde de maneira linear às transformações sociais ou aos discursos de emancipação presentes na narrativa.

Ao contrário, a visualidade da página revela a coexistência de diferentes forças culturais e industriais que moldam a produção das imagens. Convenções estéticas do gênero de super-heróis, expectativas do mercado editorial e imaginários culturais sobre o corpo feminino convergem para produzir representações nas quais potência narrativa e exposição visual coexistem de maneira tensa.

Os exemplos apresentados mostram, portanto, como a linguagem gráfica dos quadrinhos participa ativamente da construção de regimes de visibilidade. Ao observar elementos como enquadramento, pose corporal e organização da página, torna-se possível compreender como os procedimentos gráficos da narrativa estruturam a presença dos corpos e contribuem para a produção de significados culturais sobre gênero e poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo partiu da hipótese de que o estudo das super-heroínas pode constituir um ponto de partida relevante para pesquisas sobre corpo, representação e relações de poder nos quadrinhos. Mais do que uma personagem inserida em um gênero específico, a Ms. Marvel permite observar como diferentes discursos culturais se materializam por meio das formas próprias da narrativa gráfica. Ao articular protagonismo, força física e autonomia com convenções visuais historicamente associadas à feminilidade, essa personagem evidencia a complexidade dos processos de construção do sentido nos quadrinhos.

A perspectiva teórica adotada ao longo deste trabalho fundamentou-se na compreensão dos quadrinhos como um sistema narrativo, conforme proposto por Thierry Groensteen (2015). Nessa abordagem, a produção de sentido não se limita ao encadeamento dos acontecimentos ou ao desenvolvimento da trama, mas emerge das relações estabelecidas entre imagens distribuídas no espaço da página. Enquadramentos, ritmos visuais, recorrências gráficas e

disposições espaciais constituem procedimentos narrativos por meio dos quais a história se apresenta ao leitor. Assim, aquilo que é mostrado não se encontra separado da narrativa, mas integra os mecanismos responsáveis pela sua construção.

Essa perspectiva permitiu deslocar a análise para além da descrição dos acontecimentos ou da caracterização das personagens. A observação das páginas selecionadas evidenciou que a produção de sentido nos quadrinhos depende da articulação entre diferentes níveis narrativos. Enquanto a trama frequentemente atribui às personagens femininas posições de protagonismo, autonomia e capacidade de ação, a mostração dos corpos mobiliza convenções gráficas sedimentadas historicamente, associadas à ritualização da feminilidade e à produção de determinadas formas de visibilidade. A tensão identificada ao longo das análises não se estabelece, portanto, entre narrativa e imagem, mas entre diferentes regimes de significação articulados pela própria narrativa gráfica.

As sequências analisadas demonstraram que a organização da página desempenha um papel fundamental nesse processo. A distribuição espacial das figuras, a escala dos corpos, os enquadramentos e a repetição de determinadas poses estabelecem relações de solidariedade icônica que produzem continuidades e recorrências ao longo da leitura. Essas soluções formais não constituem elementos acessórios ou exteriores ao enredo, mas participam ativamente da construção de sentidos sobre gênero, corpo e poder. A narrativa gráfica aparece, assim, como um espaço de negociação entre discursos culturais distintos, nos quais convivem projetos de emancipação e convenções visuais historicamente consolidadas.

Nesse sentido, a análise evidencia como os quadrinhos constituem um objeto particularmente fecundo para investigações interdisciplinares. A articulação entre os estudos de quadrinhos e os estudos de gênero permite compreender que as formas de representação dos corpos não são simples reflexos da realidade social, mas processos ativos de produção de significados. As imagens participam da construção de imaginários, da circulação de valores e da naturalização — ou contestação — de determinadas relações de poder.

Por fim, este trabalho procurou demonstrar que a investigação dos quadrinhos exige atenção simultânea aos acontecimentos narrados e às formas pelas quais eles são apresentados. A análise dos corpos, dos enquadramentos e da organização espacial da página revela que os significados produzidos pela narrativa gráfica resultam da articulação entre trama e mostração. Mais do que um suporte para histórias, os quadrinhos constituem um sistema complexo de relações em que texto, imagem e espaço participam conjuntamente da produção do sentido. É precisamente nessa articulação que se torna possível compreender as disputas simbólicas presentes nas representações do feminino e reconhecer a potência dos quadrinhos como objeto de pesquisa no campo das humanidades.

REFERÊNCIAS

DE LAURETIS, Teresa. **Théorie queer et culture populaire: de Foucault à Cronenberg**. Paris: La Dispute, 2007.

GOFFMAN, Erving. La ritualisation de la féminité. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 14, abr. 1977, p. 34–50. Disponível em: https://doi.org/10.3406/arss.1977.2553. Acesso em: 11 nov. 2018.

GROENSTEEN, Thierry. **O sistema dos quadrinhos**. Tradução de Érico Assis. Rio de Janeiro: Marsupial Editora, 2015.

HALL, Stuart. Codage/décodage. **Réseaux**, n. 68, p. 27–39, 1994. Disponível em: https://www.cairn.info/revue-reseaux1-1994-6-page-27.htm. Acesso em: 18 nov. 2018.

MULVEY, Laura. Visual Pleasure and Narrative Cinema. **Screen**, [*s. l.*], v. 16, n. 3, p. 6-18, out. 1975.

STULLER Jennifer. "Feminism: Second-wave Feminism in the Pages of Lois Lane." **Critical Approaches to Comics: Theories and Methods**. Eds. Matthew J. Smith and Randy Duncan. New York: Routledge, 2012. 235-251.

THOMAS, Roy; COLAN, Gene. **Ms. Marvel**. n. 1. New York: Marvel Comics, 1977.

Sobre o autor:

Marcelle Pacheco Soares

Doutora em Ciências da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Estudos de Gênero pela Université Paris 8 Vincennes-Saint-Denis (2019). Especialista em Jornalismo Cultural pela Uerj (2015) e bacharel em Jornalismo pela PUC-Rio (2013).
https://orcid.org/0000-0002-9690-464X • marcelle.psoares@gmail.com

Conflito de Interesse

O autor declara não haver conflito de interesses.

Verificação de Plágio

A revista mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como Turnitin.

Editores convidados

Maria Clara da Silva Ramos Carneiro
Lielson Zeni
Valter do Carmo Moreira

Editor - chefe

Régis Augustus Bars Closel

Como citar este artigo

SORARES, M. P. Corpo e poder como ponto de partida para a pesquisa em quadrinhos. **Letras**, v. 35, n. 74, e95684, 2026. DOI: 10.5902/2316882X95684. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/95684. Acesso em: XX/XX/XXXX